

FH critica o sensacionalismo selvagem

■ Presidente lamenta “angústia competitiva” que leva à busca do “sensacionalismo onde ele não existe” e pede responsabilidade

Paris - AFP

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso acha que o jornalismo vive uma fase de “angústia competitiva”, motivada por uma disputa quase “selvagem” que leva à busca do “sensacionalismo onde ele não existe”. Em entrevista coletiva, ontem pela manhã, o presidente da República foi indagado por um repórter da agência de notícias Reuter, sobre como via a questão dos limites à atuação da imprensa - tema exposto à reflexão após o acidente que matou a Princesa Diana, quando fugia dos paparazzi (fotógrafo free lancer especializado em sensacionalismo), na madrugada de domingo.

“Devolvo a vocês a reflexão”, respondeu Fernando Henrique. “Eu aspiraria que a imprensa, ela própria, definisse certas regras”, completou, acrescentando que a solução, a seu ver, não estaria na edição de leis para estabelecerem os limites da liberdade de imprensa. “Não acho que essa questão seja resolvida positivamente, pela coerção, por que a imprensa livre é fundamental para a democracia”. Sua formação social democrata o leva a crer que “o mercado selvagem é sempre ruim. Para os países, leva a miséria e para os seres humanos, o empobrecimento”. No domingo, o presidente acompanhou o noticiário pela BBC.

O presidente da República co-

nheceu a Princesa de Gales num rápido encontro no Palácio de Kensington em 1993, quando era chanceler do governo Itamar Franco. “A impressão que tive foi de uma pessoa simples no jeito de tratar, inteligente e extremamente agradável. Deu-me a impressão de quase tímida. Tinha estado no Brasil e fez vários comentários, preocupada com a vida cotidiana”. Mas não era uma pessoa que tivesse relações mais estreitas com Fernando Henrique.

“Acho que, em homenagem à princesa Diana, valeria uma reflexão mais aprofundada de cada um de nós. E isso implica que aqueles que têm função pública, também, compreendam a função do jornalista”, disse o presidente.

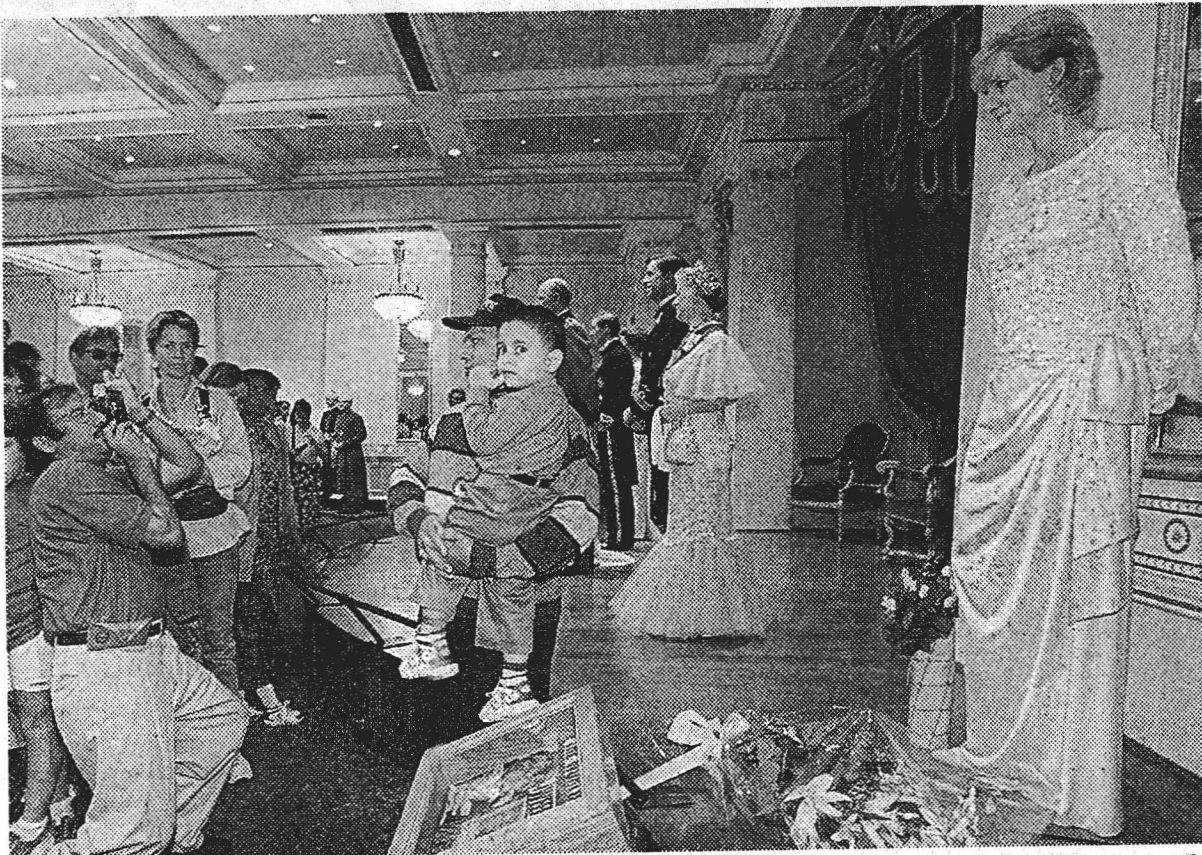
Velocidade - No sábado, horas antes do acidente que matou lady Di, Fernando Henrique adotou um estilo de maior velocidade, fazendo seus perseguidores se lembrarem das corridas atrás do ex-presidente Fernando Collor. Desta vez, o pega no cerrado resultou em brigas entre fotógrafos e um resultado final com feridos. A 110 quilômetros por hora, numa estrada de chão batido, o carro que transportava o presidente do acampamento de sem-terra para sua fazenda em Buritis (MG) - a 250 quilômetros de Brasília - deixava para trás a imprensa.

A perseguição ganhou força quando o carro do presidente se aproximava da fazenda, e os jornalistas passaram a tentar com mais vigor uma ultrapassagem. Quando as duas caminhonetes do comboio presidencial se sentiram perseguidas pelos carros da imprensa, a velocidade aumentou.

No afã de recuperar detalhes da saída do presidente da fazenda e não perder novamente a imagem, já que ninguém viu quando Fernando Henrique saiu para o acampamento, os carros que transportavam os jornalistas tentavam se ultrapassar e emparelhar com o comboio. O carro da segurança tentou evitar o cerco. Mas a confusão já estava armada e um carro conseguiu ultrapassar. A nuvem de poeira só baixou um pouco quando Fernando Henrique, atendendo a apelos de um repórter parou na porteira da fazenda, desceu do carro e deu uma rápida entrevista.

Enquanto Fernando Henrique falava, fotógrafos começaram a trocar cotoveladas, na disputa pela melhor foto e um acerto de contas de quem julgou que seu carro foi fechado pelo outro no alucinado pega. Mal Fernando Henrique virou as costas, um fotógrafo resolveu partir para as vias de fato, iniciando uma briga de socos, tapas, empurrões e um saldo de feridos.

Londres - Reuters



Turistas batem fotos posando em frente à estátua de cera da princesa Diana no Museu Madame Tussaud



A pichação na Ponte de Alma, acima do túnel onde ocorreu o acidente, chama de assassinos os paparazzi